

Diário de Notícias

FUNDADO EM 1864

DIRECTOR: MÁRIO BETTENCOURT RESENDES | DIRECTOR ADJUNTO: ANTÓNIO RIBEIRO FERREIRA | PREÇO (IVA INCLUÍDO) 200\$ - 200 PESETAS | ANO 134.º N.º 47 318 DOMINGO, 11 DE OUTUBRO DE 1998

Os Rostos do Crime
Estrangulador de Cascais,
estripador de Lisboa e
o gang do multibanco



FASCÍCULO 5

opinião



Rita Ferro conta
em «Lesá-Majestade»
a história de
«Domingos, o snob»

PÁGINA 22



«O Meu Diário» de
Maria Elisa é dedicado
à angústia
de sexta-feira à noite

PÁGINA 4

internacional

Kosovo está
à espera das
bombas da NATO
sobre Belgrado

PÁGINA 14

CRISE POLÍTICA

Corrupção na ordem do dia

Do Presidente ao procurador ninguém escapa ao «caso JAE». E João Cravinho fala mesmo numa «gravíssima crise» do regime

A crise provocada pelo «caso JAE» veio para ficar e o ministro João Cravinho fala mesmo numa «gravíssima crise» do regime democrático. Cunha Rodrigues, procurador-geral da República, debaixo de fogo, confessa que não recebeu o relatório da Inspeção-Geral de Finanças e entra em contradição sobre o conteúdo do mesmo. Amanhã vai a São Bento falar com os líderes, altura em que já serão conhecidas as medidas do Governo para combater a corrupção. Marcelo Rebelo de Sousa apela a Jorge Sampaio para convencer o PS a alterar a lei do financiamento dos partidos, José Siza Almeida fala do descrédito das comissões de inquérito e o presidente do Tribunal de Contas escreve no DN sobre a corrupção e o papel do TC nesta escaldante matéria. Páginas 3, 5, 6 e 64

CUNHA RODRIGUES



Procurador-geral da República confessa que não recebeu o relatório das Finanças sobre a JAE e entra em contradições

ALFREDO JOSÉ DE SOUSA



Presidente do Tribunal de Contas explica o papel do seu organismo no combate à corrupção e fala nas «obras a mais»

MARCELO REBELO DE SOUSA



Presidente do PSD apela a Jorge Sampaio para convencer o PS a mudar a lei do financiamento dos partidos

ANTÓNIO GUTERRES



Primeiro-ministro recebe amanhã Cunha Rodrigues e vai anunciar novas medidas contra a corrupção

LISTA

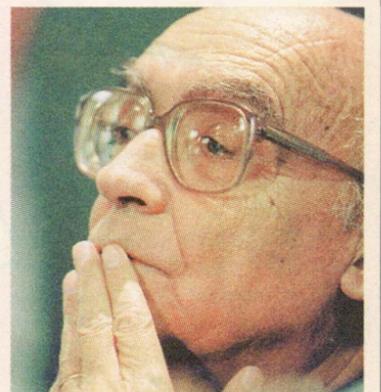
Admirável mundo novo da inseminação artificial

Não tem nada que enganar. Juntem o espermatozóide ao óvulo e... está. Eles encarregam-se de fazer o resto. O segredo bioquímico mais avançado da humanidade não tem patente registada, não exige intervenções cirúrgicas e, aparentemente, está disponível para todos nós. Quando a tentativa não resulta, o que acontece em dez por cento dos casais, os médicos entram em acção. Numa operação, juntam os protagonistas masculino e feminino, o espermatozóide e o ovócito, e torcem ansiosamente para que algumas horas depois nasça um embrião. E nove meses mais tarde, um bebé. É o admirável mundo novo da inseminação artificial. Três especialistas portugueses explicam a história da reprodução medicamente assistida em Portugal e no resto do mundo. Páginas 47 e 48 «Magazine»



Arquivo DN

ESPERANÇA. Casais novos ou velhos, com problemas mais ou menos graves, podem sonhar sempre com o seu bebé



NOBEL

Lanzarote em peso espera chegada de Saramago

MARIA JOÃO CAETANO

Em Lanzarote

Quando hoje, à hora de almoço, José Saramago aterrar em Arrecife, na ilha de Lanzarote, vai ter com certeza muitos amigos, autoridades locais e, claro, jornalistas à sua espera. Página 47

PUBLICIDADE

Esteja atento ao seu novo Código Postal.



Linha Código Postal 0808 21 21 21 • www.ctt.pt





CARLOS MAGNO

FIGURA DA SEMANA JOSÉ SARAMAGO

O Observatório Lusitano



Saramago está para o Vaticano como os dois prémios Nobel de Timor estão para a Indonésia. São tão incómodos que nem Jacarta nem o *Osservatore Romano* conseguiram disfarçar o seu mal-estar. É natural. O próprio PCP, que tão bem festejou a justa vitória literária deste seu militante, foi incapaz de esconder o desprezo pelo Nobel da Paz de Gorbachev. Mas honra seja feita desta vez ao crítico literário Álvaro Cunhal. Poucas personalidades souberam explicar tão bem a obra de Saramago ao povo português. O líder histórico do PCP chegou, aliás, a desmontar a tese em que o júri do Nobel se baseou para atribuir o prémio a Saramago, avançando com argumentos pós-neo-realistas para justificar esse mesmo prémio. E assistimos a esse momento único em que Cunhal explicou porque é que o comité Nobel escreveu direito por linhas tortas. O sempre rebelde e diplomático Saramago não faria melhor. Ou melhor, já fez. Estou a lembrar-me daquele momento muito delicado na vida interna do PCP em que José Saramago se demitiu da presidência da Assembleia Municipal de Lisboa. Não admira porque Saramago e Cunhal são dois aristocratas cuja coerência o povo admira e respeita. O líder histórico do PCP trocou a burguesia onde nasceu pela dedicação à classe operária. Saramago subiu a pulso desde as suas humildes origens até ao estrelato da grande literatura sem nunca ter perdido a verticalidade teimosa que traduz internacionalmente o génio deste grande senhor português. Ou melhor, bérico. Sim, porque apesar de nacionalista e anti-regionalista, Saramago é o iberista da *Jangada de Pedra* que descola da Europa como um grande transatlântico e vai fazer cultura peninsular para outros continentes. É por isso o escritor português com maior dimensão global. Aquele que se pode dar ao luxo de viver no estrangeiro e reflectir pessoalmente as contradições internas apaixonantes e por vezes paradoxais do português típico. Saramago é de facto um grande senhor. Está para a língua portuguesa como Bertolucci para o cinema italiano.

Mas voltemos ao momento em que Saramago se demitiu da presidência da Assembleia Municipal de Lisboa em sinal de solidariedade para com os militantes moderados do PCP perseguidos pelos duros do comité central. O homem que José António Santos e Fernando Pires nos retrataram naquele período complicado em que foi director adjunto deste jornal é exactamente o mesma personalidade que agora acaba de receber o Nobel da Literatura.

Pessoalmente confesso que o livro de Saramago de que mais gosto é o *Ano da Morte de Ricardo Reis*. Não apreciei particularmente *O Memorial do Convento* nem as suas últimas produções. Mas gosto da escrita de José Saramago porque é uma escrita para ser ouvida. A língua portuguesa fica a dever-lhe não só este revigorante prémio como a preservação de um cantar muito antigo que vem da nossa mais profunda tradição oral. É por isso que desde já adianto. O melhor texto de Saramago vai ser o seu discurso na entrega solene do Prémio Nobel. Um discurso em português claro, límpido, brilhante, doce e perturbador como só Saramago sabe fazer.

Carlos Magno é subdirector do DN e escreve neste espaço aos domingos.

PARABÉNS ZÉ!



**A SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES
orgulha-se de contar entre os seus mais ilustres membros
o 1.º Prémio Nobel da Literatura
em Língua Portuguesa**



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

Av. Duque de Loulé, 31 – 1069 Lisboa Codex
PORTUGAL

crítica livros

O símbolo do coração aceso sob as cinzas e a solidão

Um original romance de mistérios humanos, de amores impossíveis, de dúvidas e de buscas

NEVERMORE

Autora: Marie Redonnet

Editor: Asa

Classificação: ★ ★ ★

MARIA TERESA HORTA

Marie Redonnet, um nome destacado entre os escritores independentes da nova literatura francesa, acaba de publicar pela primeira vez em Portugal.

O livro chama-se *Nevermore*, escrito em 1994 e publicado nesse mesmo ano em França. Uma lindíssima e estranha história de aventuras. Ou talvez seja preferível chamar-lhe um original romance de mistérios humanos, de amores impossíveis, de dúvidas e de buscas incessantes em torno da paixão.

Uma narrativa de várias investigações, de diversas tonalidades fantásticas; grande parte delas, sensuais; num espesso, num deliberado e desconcertante clima erótico.

Texto claustrofóbico, que nos dá a ver microuniversos de violência, quer pessoal, quer social. Sobretudo política.

Eu diria, mesmo, que é uma reflexão sobre a liberdade e a opressão, nas suas variadíssimas vertentes. Sobre o amor, o amor perdido.

Logo, sobre a nostalgia de um tempo vivido e deixado inexoravelmente para trás.

Inquietante e ambíguo, *Nevermore* usa aquele lado intrigante e quase suspenso de todo o romance negro, por onde desta vez a sua autora parece querer passar.

Não foi o escritor Jorge Luís Borges quem disse que todos os grandes romances do século XX

eram policiais e afirmou isto a propósito de *O Processo*, de Kafka, e de *Santuário*, de Faulkner?

Marie Redonnet mostra como sabe, inequivocamente, construir situações e personagens, ao mesmo tempo que vai desconstruindo a história que conta. Ou melhor será dizer várias histórias, que entrança umas nas outras, numa unidade perfeita. Num único corpo, literário.

Este é um livro dissonante e cruel, que mistura emoções extremadas e sentimentos impiedosos, claridades ácidas e intensas, embora na sua totalidade se possa dizer ser, contraditoriamente, uma narrativa essencialmente nocturna, repleta de agressividade, sobrevoada por equívocos anjos negros.

Nela, nenhuma personagem é solar ou seque, mesmo, simpática. Todas elas guardam dentro de si enigmas, ressentimentos, medos profundos.

No entanto, são as mulheres que, apesar de tudo, ainda conseguem conservar alguma pureza, alguma esperança, ao mesmo tempo que são, também, as mais infelizes e espezinhadas.

Porém, apesar das trevas que assombram este romance, nele existe, ambivalentemente, uma certa ingenuidade submersa, que algumas vezes vem, de forma comovente, ao de cima, de uma maneira inesperada e romântica. Tal como a lava escondida dentro do vulcão aparentemente extinto, em torno do qual, digamos, todo o texto se organiza. Ele é o símbolo do coração aceso sob as cinzas, na dureza do peito que foi de solidão.

Há ainda a sublinhar a esplêndida, a lindíssima tradução de Pedro Tâmen.

JACINTO RAMOS

Homenagem a um fazedor de teatro português

D. Maria II vai consagrar os 61 anos de carreira

Jacinto Ramos vai ser homenageado na segunda-feira em Lisboa, no Teatro D. Maria II. Com 61 anos de carreira teatral, e intervenções na rádio, na televisão e no cinema, Jacinto Ramos tem um sonho por cumprir: realizar um filme.

Fundador de inúmeras companhias de teatro e formador de actores, aos 81 anos Jacinto Ramos tem ainda quatro guiões de cinema à espera de levar à tela, e um regresso marcado aos palcos, que realizará no próximo ano, em uma peça onde se irá rever o seu percurso profissional.

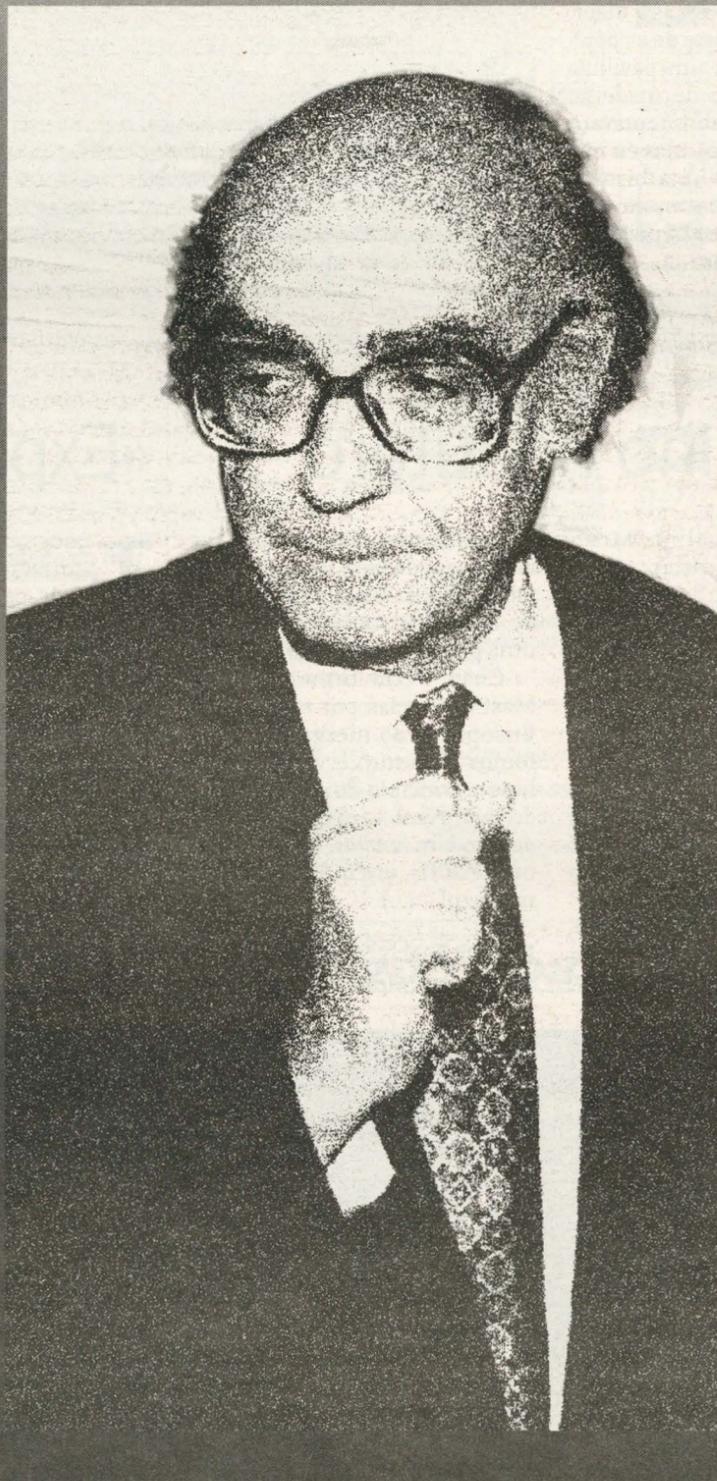
Em 1999, Jacinto Ramos fará o papel principal da peça *O Fazedor de Teatro*, do austríaco Thomas Bernhard. Um texto que conta a

história de um anti-nazi que anda pelas estradas a fazer teatro, e que lhe faz lembrar a sua própria história pessoal, quando numa sobrevivência itinerante viajava pela província de espectáculo em espectáculo.

A homenagem do Teatro Nacional D. Maria II, casa na qual ingressou em 1950, coincide com a comemoração dos 61 anos de vida dedicados à arte de representar e reúne alguns dos amigos como Rui de Carvalho, São José Lapa, Eunice Muñoz, Artur Agostinho, Paulo de Carvalho Carlos Mendes, Lígia Telles, Fernando Tordo, Henriqueta Maia e João de Carvalho. Terá espaço para momentos de música, teatro e poesia.

Parabéns José Saramago

Prémio Nobel da Literatura 1998



Círculo de Leitores